

APOCALÍPTICA NO EVANGELHO DE MARCOS E UMA LEMBRANÇA DO MILTON

Joel Antônio Ferreira¹

Resumo

O Evangelho de Marcos foi escrito pelos anos 70 dC. Duas situações, na conjuntura mundial, estão por trás da elaboração do texto final: a crise no centro do Império Romano, onde, em um ano e meio, foram assassinados quatro imperadores e a destruição total da nação Israel, com seu templo e todas as grandes instituições. Os cristãos estavam anunciando o Evangelho nesse tempo cheio de tensões e conflitos. Era necessário proclamar o Reino de Deus (Mc 1,15).

Palavras-chave: *Apocalíptica, perseguição, resistência.*

Abstract

The Gospel of Mark was written around 70 AD. Behind the final drafting of the text there were two world situations: the crisis at the center of the Roman Empire, where four emperors have been murdered during one year and a half and the total destruction of Israel, of its temple and all its main institutions. Christians were announcing the Gospel at this time full of conflicts and tensions. It was necessary to proclaim the Kingdom of God (Mark 1,15).

Keywords: *Apocalyptic. Persecution. Resistance.*

Introdução

Após voltar de Roma, em 1986, os meus contactos com Milton Schwantes foram muitos e variados: Primeiro, participava, com ele, do Comentário Bíblico Latino-Americano. Encontrava-o duas vezes ao ano. Ele era um jovem que, nos intervalos do almoço, ia jogar basquete, sozinho, enquanto os outros iam fazer sesta. Como era bom ouvi-lo nos debates com os outros comentaristas! Segundo, nas

1. Joel Antônio Ferreira é professor titular no Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião da PUCGO e assessor do CEBI – Centro Oeste.

Escolas Bíblicas do CEBI. Enquanto com os comentaristas falava o acadêmico, no CEBI, o mesmo Milton falava a linguagem popular. Que capacidade de adaptação! Terceiro, no meu doutorado na UMEESP. Por quatro anos convivi com ele, agora, no nível da pesquisa. O doutorado era o rosto dele. Embora, o seu universo fosse o Antigo Testamento e eu trabalhava no Novo, quantos debates nos colóquios e, também, nos corredores, ou no restaurante, fazíamos. O Milton transpirava o saber bíblico e como me enriquecia. Embora eu não fosse orientado por ele, penso que foi o que mais contribuição me deu naqueles anos ricos de conhecimento.

Foi num desses debates coloquiais que ele me estimulou, na apocalíptica, a desenvolver o texto de Mc 13. O que escrevi, à frente, tem muito da fala e da sugestão do nosso Schwantes. Claro que, aqui, o texto procura ser curto e dentro dos parâmetros da revista *Estudos Bíblicos*. Porém, em minhas anotações, tenho muitas observações e sugestões do Milton.

Vou, então, a Marcos, no texto apocalíptico.

O grande objetivo do evangelista Marcos foi apresentar a pessoa do homem de Nazaré (Mc 1,9). “Quem é Jesus?” (Mc 8,27-30), é o que o leitor precisa responder como Pedro fez. Marcos apresentou Jesus como sendo o próprio Evangelho presente no meio da comunidade. É ele o anúncio de que o Reino de Deus chegou entre nós (1,14-15)².

Este Reino não era como os cristãos estavam convivendo: as lutas renhidas pelo poder em Roma ou as guerras judaicas (66-70 dC) que acabaram com a Judeia. A partir do serviço, as novas comunidades vão compreendendo que o Reino de Deus é, profundamente, comunhão das pessoas com as pessoas, das pessoas com a natureza e das pessoas com Deus. Para se compreender o Reino de Deus era preciso que os cristãos se situassem no contexto dos anos setenta.

Foi um livro escrito no meio das tensões, portanto, pelos anos setenta. Parece que a redação final do livro foi feita próxima a Roma, logo após a Igreja ter sofrido uma dura perseguição por parte de Nero. Duas grandes figuras tinham sido assassinadas aí: Pedro e Paulo. Roma estava um caldeirão: em um ano e meio cinco imperadores ocuparam o poder³. Quedas sangrentas: Nero, Galba, Otônio, Vitélio, Vespasiano. Sentindo as dores em Roma, a comunidade se lembrava de Jesus; atualizava o que ele fez para animar os cristãos em tensão.

A comunidade de Marcos sabia que o futuro Imperador Tito se dirigia com grandes legiões (batalhões) para a Palestina para combater os zelotas, os essênios e quaisquer opositores. Ia sendo informado de que o país estava sendo, literalmente, dizimado. Que todas as grandes instituições, como a nação (Judeia), Jerusalém, o Templo, os diversos grupos sociais e religiosos (sacerdotes, escribas, essênios, zelo-

2. PESH, R. *Il Vangelo di Marco*. Brescia: 1980, p. 181-190.

3. ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1967. É preciso recordar que em um ano e meio, um a um, Nero e os Generais Galba, Otônio e Vitélio foram assassinados. Os assassinatos acabaram com Vespasiano. Porém, a condução do Império foi muito violenta.

tas etc.) estavam desaparecendo. Ouvia falar que não existia mais pátria geográfica para o judaísmo. Acabou Israel. Eram informações demais, todas bem negativas, para o grupo de Marcos.

1. Quem é Jesus?

Na I Parte (1,14–8,26), a comunidade marcana colocou, sempre, a questão: “quem era Jesus”? Era preciso ver Jesus, diante de tanta tragédia. O vento e o mar o obedeciam (4,41); tinha poderes sobre o mal (5,1-20); curava e perdoava os pecados (2,1-12); limpava os leprosos (1,40-45); ressuscitava os mortos (5,21-43). Quem era este que interpretava, com tanta liberdade e autoridade, a Palavra de Deus? Quanto mais Jesus revelava seu poder, tanto mais provocava a oposição e incompreensão dos que o rodeavam.

Então Marcos, que estava nas proximidades de Roma, sendo informado das notícias, pelo povo, proclamou o evangelho colocando a cruz como reflexão. Mais do que nunca, a releitura da cruz deveria ser feita. A comunidade marcana precisava fazer memória do Crucificado e, ao mesmo tempo, ver a história do seu povo que também foi crucificado pelas legiões romanas.

2. O caminho e o mistério de Jesus

Na II parte (8,27–16,8) deve ser perguntado, onde se encontrava a dificuldade para compreender a revelação de Jesus? Recordemos: a cura de dois cegos, de Betsaida (8,22-26) e Jericó (10,46-52) é vista no contexto das cegueiras humanas. O evangelista queria levar os seus leitores a descobrirem que, se Deus não abrisse os olhos, se não transformasse a maneira de ver as coisas, não seriam capazes, por si mesmos, de entender o mistério da cruz do Filho do homem e muito menos de seguir Jesus no caminho da cruz que, a partir de 8,31, dominou todo o Evangelho.

2.1 Anúncios da Paixão: o que estava por trás?

Uma coisa que o Milton me chamava a atenção era de tentar ligar as duas paixões: a de Jesus e a da comunidade marcana dentro do modo de produção escravagista. A experiência da paixão dos cristãos e, também, dos milhões de escravos do Império Romano, nos anos 70 dC, era indescritível. Marcos e sua comunidade se recordam de Jesus e elaboram, por três vezes, as memórias que tinham da pregação do Mestre. Jesus tinha uma consciência crítica diante da situação nos anos 30. Agora, seus seguidores, também, precisam iluminar-se nele, porque a conjuntura internacional era complicada.

Primeiro: Mc 8,31-33: quem rejeitava Jesus eram os anciãos, os doutores da lei ou escribas e os chefes dos sacerdotes. O primeiro anúncio se encontra depois da profissão de fé de Pedro.

Segundo: Mc 9,30-32: neste texto percebe-se a situação de conflito, no meio do discipulado. “Mas os discípulos não compreendiam o que Jesus estava dizendo, e tinham medo de fazer perguntas”. O segundo anúncio aparece depois da transfiguração.

Terceiro: Mc 10,32-34: dentro do contexto do projeto dos discípulos de Jesus. Era preciso clarear bem. O projeto do Reino de Deus não era igual ao projeto dos políticos e detentores do poder da época. O terceiro anúncio foi colocado depois que falou da riqueza: “os ricos não entrarão no reino de Deus” e antes do pedido interesseiro dos filhos de Zebedeu.

Os anúncios da paixão em Marcos queriam desmistificar o triunfalismo do Messias e colocar a cruz como centro de reflexão. Provavelmente, foi escrito na periferia de Roma, no momento em que os irmãos estavam sofrendo a invasão de Tito na Palestina. Em Roma, os imperadores eram assassinados, um após outro. Em menos de dois anos, foram mortos quatro imperadores: Nero, Galba, Otônio e Vitélio. Por fim, Vespasiano assumiu, com mãos de ferro. Crise total. O evangelho foi escrito para a comunidade. O que aconteceu com Jesus podia acontecer com os cristãos.

Portanto, a comunidade marcana escreveu tendo dois fatos catastróficos diante dos olhos: a) as quedas e assassinatos dos imperadores no centro de decisões mundiais; b) a invasão, destruição e aniquilamento do estado de Israel, com a cidade de Jerusalém e o desaparecimento das grandes instituições do povo judeu. Não era possível, em situações tão críticas, falar de um Jesus romântico. Marcos o descreveu, nua e cruamente humano, como o homem da cruz.

Em Marcos, a cruz era o centro de toda reflexão. Ele mostrou que Jesus caminhou para a morte, conscientemente. A comunidade marcana era bastante crítica, diante da situação mundial. Era preciso, por parte de todos, acabar com a mentalidade ufanista⁴. Todos precisavam entender que o messias fora preso, torturado e morto. Os anúncios foram escritos, portanto, numa advertência em frente às perseguições. Lembremos que Nero foi o primeiro a iniciar uma perseguição aos cristãos. Se Jesus foi perseguido, seus discípulos serão também. Este Evangelho foi o retrato da crise dos anos 70. Assim, se entende por que a cruz é o clímax do evangelista Marcos.

Outro muito interessante que debati com o Milton foi por que Marcos não queria uma teologia triunfalista. Se Jesus foi um crítico severo do Templo e da religião legalista, isto lhe custou a morte. No triunfalismo, que era o contrário do messianismo de Marcos, esperava-se de Deus uma atitude de “*superman*, supermessias”, cheio de ações “milagrosas”.

No “segredo messiânico” não se devia fazer alarde, propaganda. Porém, quando tudo estava claro, estava na hora de proclamar. No entanto, ao mesmo tempo, a comunidade precisava proclamar algo alvissareiro: Jesus é chamado de *Filho de Deus* em Mc 1,1.11; 9,7 e, por fim, ao pé da cruz (Mc 15,39b): “verdadeiramente

4. ALEGRE, Xavier. *Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista*. Belo Horizonte: CEBI, 1988, p. 5-6.

este homem era Filho de Deus”. Quando houve a revelação, ao pé da cruz, podia-se confessar, com toda a liberdade, que Jesus era o Messias, o Filho de Deus, pois, neste lugar (cruz), os títulos não dão margem a equívocos triunfalistas.

2.2 Um texto apocalíptico (Mc 13): Os cristãos deviam anunciar

A linguagem apocalíptica surgiu em tempos de grandes tensões sociais, políticas e militares. Num momento assim, as comunidades não sabiam como sair dessa situação. Não viam saída para o futuro. Muitas pessoas desanimavam. Porém, quase sempre, apareciam pessoas de fé e engajadas na comunidade que resistiam às opressões do poder. Para se comunicar com os fiéis, muitas vezes, não se podia falar claro. Era preciso criar senhas e símbolos. Estas eram compreendidas pelos perseguidos, mas não pelos opressores.

Estas apostilas deveriam ser lidas nas comunidades, na hora das reuniões litúrgicas, com “cuidado”, porque os informantes e a polícia romana não poderiam ter acesso. Nesse cuidado, criaram “senhas”, ou linguagens camufladas que enganavam algum informante imperial. Isto é, os líderes que escreviam e os líderes de cada comunidade conheciam as senhas ou símbolos usados e retransmitiam aos cristãos da base.

Está aqui um dos momentos ricos que conversava com o Milton. A vitalidade e a dinâmica dos símbolos. Muitos símbolos⁵ foram buscados na Bíblia Hebraica (Antigo Testamento), outros em textos do Novo Testamento, outros na mitologia universal, outros vindos do imaginário coletivo, outros, enfim, nas expressões populares do povo da época.

Por que os “símbolos”? O símbolo é menos intelectual e mais popular e intuitivo. Eles recuperam a memória do povo (passado) a serviço do presente, para animar a caminhada atribulada. Em tempos de perseguições, a linguagem simbólica surge espontaneamente. É uma linguagem camuflada. Não se pode falar claro. É perigoso. Pode levar para a cadeia, tortura, morte. Então, os perseguidores não compreendiam. Os perseguidos, sim. Com isso, a resistência era mantida⁶.

Mc 13 é um texto apocalíptico. Provavelmente, foi um texto que rodou as comunidades, em tempo de vigilância, e, depois, foi agregado à redação final do atual Evangelho de Marcos. Falou uma linguagem estranha. Dá a impressão que tudo iria se desmoronar. Parecia ser o fim de tudo.

Lembremos: a situação do mundo estava trágica. Em Roma, os círculos ligados ao imperador não se entendiam. Chegaram às vias de fato. Em menos de dois anos, como vimos, mataram quatro imperadores romanos. O quinto, Vespasiano, tratou

5. VANNI, Ugo. *Il Simbolismo nell'Apocalisse*. Roma: Università Gregoriana Editrice, 1980.

6. FERREIRA, Joel Antônio. *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 40 (comentário bíblico).

o universo na base da violência. A comunidade de Marcos estava aí perto. Já tinha passado pelas dores dos assassinatos de Pedro e de Paulo. Roma era intolerante com qualquer ideia diferente. A comunidade marcana tinha informações sobre a terra de Jesus. Eram os inícios dos anos 70 dC. Sabia que o filho do imperador Vespasiano, chamado Tito, se deslocara para a Judeia. De 66-70 houve uma varredura da Palestina (Judeia) começando pelo norte (Galileia). Quando chegaram a Jerusalém, a resistência armada fora renhida. Porém, os romanos, diante das altas e fortes muralhas da cidade, na paciência bélica, foram minando os judeus. Depois de um bom tempo, após a queda de todo o país, Jerusalém foi arrasada e, além da cidade, o Templo, símbolo máximo do povo judeu, foi destruído. Também os representantes das instituições judaicas foram, totalmente, eliminados. O pior: a população desapareceu, fulminada pelos raios das forças imperiais romanas⁷.

É neste contexto que o grupo de Marcos (Mc 13) escreveu este texto⁸. Atenção! Marcos não estava falando de fim de mundo. Lembro-me bem, nas conversas com o Milton, quando estávamos terminando o século XX e ele refletia que era importante, principalmente, quem tinha acesso aos meios de comunicação ou à pastoral, que preparasse bem os ouvintes para a questão do “milenarismo”; provavelmente, muita gente aproveitaria o fato para criar pânico ou expectativas perigosas nos mais simples. Bem! Marcos retratou, neste texto, a situação do Império Romano assassino e o final da nação judaica com seu templo e suas instituições.

Mc 13 foi um texto apocalíptico com uma reflexão escatológica (futuro do reino). Jesus fez um discurso sobre o Monte das Oliveiras. Foi assim que Marcos trabalhou. Um trecho bem elaborado e ligado ao resto do Evangelho⁹, graças a uma introdução onde se falou do Templo (13,1-5) e a uma exortação, no final, que anunciou já a paixão (13,35-37).

Mc 13,1-4 e, depois, todo o discurso foi colocado na boca de Jesus. Reparem! Jesus vivera pelos anos 30. Estamos aqui nos anos 70. São, no mínimo, 40 anos de diferença. As comunidades cristãs estavam espalhadas pelo mundo e, também, aqui em Roma. Aqui estavam os grupos de Marcos. Vendo os fatos estarrecedores, era preciso que o grupo de Marcos animasse os cristãos assustados. Então, recordaram-se de Jesus e se lembraram das suas posturas diante dos poderes opressores. Marcos, agora, com uma boa pedagogia, usou o seguinte método: “se Jesus estivesse aqui perto de Roma e visse o que estava acontecendo, como ele agiria e como ele falaria?” Ele, então, escreveu este discurso que se referia à destruição do Templo de Jerusalém. Como ele fez? Inspirado no profeta Daniel, que havia passado por situação parecida, e iluminado pelas palavras de Jesus, Marcos levou as suas comunidades a refletirem sobre os acontecimentos dos anos 70 dC.

7. São impressionantes os relatos de um historiador judeu da época, Flavio Josefo, que escreveu “Sobre as Guerras Judaicas”, onde ele nos narrou a crueza dos sofrimentos dos judeus na invasão de Jerusalém.

8. FERREIRA, Joel Antônio. *Jesus na Origem do Cristianismo*. Os vários grupos que iniciaram o cristianismo. Goiânia: PUCGO, 2012, p. 77-81.

9. RADERMAKERS, Jean. *Lettura Pastorale del Vangelo di Marco*. Bologna: EDB, 1981, p. 276.

Qual era a crise da comunidade cristã? Uns pensavam, desde o início, que, com a morte e ressurreição de Jesus, o “fim” estaria próximo. Outros achavam que com a destruição do Templo, no ano 70, tudo acabara. Realmente, o mundo geográfico dos judeus desaparecera. Acabou Israel que só veio a refazer sua nação geográfica em 1948 dC. Porém, Mc 13 diz, para os cristãos assustados, que “não era o fim”. Era, o ponto de partida da caminhada comunitária.

Mc 13,5-7 recordou-se de Jesus e disse para não ficarem apavorados com as calamidades e com as guerras. Não era o fim. Sempre existiriam essas situações desastrosas. Aí vemos a originalidade dos apocalipses cristãos. Jesus já veio. Morreu e ressuscitou. Mas ainda não era a consumação final. As comunidades cristãs viverão, no longo da história, no meio de lutas e sofrimentos¹⁰.

Mc 13,8-9 foi uma alerta. Era preciso dar testemunho de Jesus, apesar de todas as adversidades (lutas, guerras, terremotos, divisões na família) e perseguições (fome, prisões, maus-tratos, processos falsos)¹¹. Roma estava em tensão militar e política e Israel estava sendo aniquilado. Diante destes conflitos inomináveis, os discípulos de Jesus, em crise, perguntavam se não era o “fim”.

Mc 13,10 disse que não. Era, apesar de tudo, necessário pregar o Evangelho a todas as nações. Aparece aqui em Mc 13,11-13 a teologia do Espírito Santo: quando alguém fosse preso, não deveria se preocupar com o que falar, pois o Espírito de Deus falaria pelos tribulados. Os presos e torturados, quando se identificam com a mentalidade de Deus, apesar da prisão, em qualquer época, continuam a ser livres.

Mc 13,14-23 retratou a situação dos cristãos que recebiam notícias da Palestina. Lá estava havendo o cerco de Jerusalém por parte dos romanos. “Diante disso, como deveremos agir aqui, nos arredores de Roma?” Aí falou da “abominação da desolação”. Este termo foi retirado de Daniel (Dn 12,11). Referia-se, segundo o livro de Macabeus (1Mc 1,54), à estátua de Zeus olímpico colocada no Templo de Jerusalém pelo rei Sírio Antíoco Epífanes IV, em 167 aC. Parece que Marcos estaria sugerindo que agora, no ano 70 dC, também os romanos estariam profanando o mesmo Templo. A situação agora, também, era terrível. Como aconteceu no tempo de Daniel, estava se repetindo hoje, anos 70¹². O tempo de perseguição será terrível, porém, limitado, porque é sempre Deus quem dirige os acontecimentos. No meio destas adversidades, apareceram a mentira e a falsa profecia. Os cristãos precisariam ficar atentos para discernirem onde estava a verdade. Esta seria possível, se permanecessem os cristãos na fidelidade ao Evangelho.

Mc 13,24-27, lendo os fatos violentos na conjuntura internacional e inspirado nos profetas Daniel (Dn 7,13-14) e Zacarias (Zc 2,10-17), a comunidade marcana mostrou que Jesus veio para congregar os seus eleitos. Ou seja, após as tensões, vi-

10. SLOYAN, Gerard S. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 85.

11. GORGULHO, Gilberto e ANDERSON, Ana Flora. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 187.

12. SLOYAN, Gerard S. *Evangelho de Marcos*, p. 86.

nha a manifestação do Salvador. Ele era a fonte de uma nova situação. Esta reunião realizava a aliança nova que dava novo sentido à história. Não se podiam ler estas narrativas “ao pé da letra”. Eram descrições simbólicas. Em geral, nas literaturas apocalípticas as descrições de abalos cósmicos queriam retratar as “convulsões sociais”. Se eram símbolos, queriam revelar algo muito importante: o Filho do Homem (Jesus), ao congregar os eleitos, provocou e provoca sempre a conversão. Daí surgirá uma vida nova, não baseada na repressão, tortura e morte, mas na união do amor que é fonte e origem de toda a marcha da história. Se os cristãos do tempo de Marcos fossem fiéis testemunhas do Evangelho, as gerações vindouras, no exemplo das anteriores, também o seriam. O testemunho deveria ser baseado na criação de novas esperanças de reunião e fraternidade¹³.

Mc 13,28-37 trouxe, para os leitores, uma palavra típica dos resistentes em tempo de perseguição: “vigilância” (v. 29.32.37). Este discurso apocalíptico se encerrou com uma coleção de palavras e parábolas sobre a vigilância. Segundo Sloyan¹⁴, os v. 28-30 indicaram a destruição do templo de Jerusalém.

É preciso observar que em Mc 13,32 sugere a terminologia do “fim do mundo”. Atenção! Existem tantas dúvidas sobre isso. O que tem de verdade sobre os “palpiteiros” do fim do mundo? Nada¹⁵! Marcos colocou na boca de Jesus a seguinte frase: “quanto a esse dia e a essa hora, ninguém sabe nada, nem os anjos do céu, nem o Filho. Somente o Pai é quem sabe”.

Conclusão

Fazendo memória do Milton Schwantes e os bons “bate-papos” espontâneos e acadêmicos em torno de Mc 13, vou concluindo que o Evangelho de Marcos foi um retrato do que passavam os cristãos “procurados” pela polícia romana. Mc 13 foi a expressão mais contundente daquela situação. Era preciso chamar a atenção: Vigilância! Enquanto se evangelizava era preciso ficar atento. Enquanto se anunciava o Evangelho, dever-se-ia discernir dentro de um império perigoso. Alguns acham que todo o Evangelho de Marcos é o mais conflitual dos quatro. E, aí dentro, Mc 13 foi a expressão mais forte das tensões em que viviam os cristãos. Dentro do império, é necessário, apesar de todo perigo, anunciar o Reino de Deus (Mc 1,15).

Quer dizer: na fé no Ressuscitado, deveriam viver, em meio às adversidades, a esperança da presença do Senhor da História que dava sentido à vida, apesar dos perigos. Sempre vigilantes. Como diz Balancin¹⁶, “o seguimento de Jesus é uma tarefa que implica a vida inteira e não apenas um dia antes do fim da vida ou do mundo”.

13. BALANCIN, Euclides M. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 156.

14. SLOYAN, Gerard S. *Evangelho de Marcos*, p. 88.

15. BALANCIN, Euclides M. *O Evangelho de Marcos*, p. 156.

16. BALANCIN, op. cit., p. 156.

A minha gratidão profunda e, agora, eterna a Milton Schwantes, pela convivência com um dos mais significativos representantes da “caminhada bíblica” latino-americana, tanto em nível acadêmico como no nível popular.

Bibliografia

ALEGRE, Xavier. *Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista*. Belo Horizonte: CEBI, 1988.

BALANCIN, Euclides M. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1990.

FERREIRA, Joel Antônio. *Jesus na Origem do Cristianismo*. Os vários grupos que iniciaram o cristianismo. Goiânia: PUCGO, 2012.

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os Marginalizados*. Leitura Conflitual do Novo Testamento. Goiânia: Ed. da UCG, 2011 (2ª ed.).

FERREIRA, Joel Antônio. *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 40 (comentário bíblico).

GORGULHO, Gilberto e ANDERSON, Ana. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1975.

PESH, Rudolph. *Il Vangelo di Marco*. Brescia: 1980.

RADERMAKERS, Jean. *Lettura Pastorale del Vangelo di Marco*. Bologna: EDB, 1981.

ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

SLOYAN, Gerard S. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1975.

VAAGE, Leif E. Que o leitor tenha cuidado! O Evangelho de Marcos e os cristianismos originários da Síria-Palestina. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis: Vozes, v. 1, n. 29, 1998, p. 11-31.

VANNI, Ugo. *Il Simbolismo nell'Apocalisse*. Roma: Università Gregoriana Editrice, 1980.